

“Tocando o Futuro”: Jovens rurais dialogando por meio das lentes fotográficas¹

Elisa Calvete Ulema RIBEIRO²
Gabriel Soares BARBOSA³
Benedito Dielcio MOREIRA⁴
Universidade Federal de Mato Grosso, MT

RESUMO

O projeto de extensão e pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso “Tocando o Futuro: Comunicação e Cultura Científica” acontece em três cidades ribeirinhas do interior de Mato Grosso. O objetivo desse trabalho é discutir a maneira como os jovens de uma dessas cidades, Nossa Senhora do Livramento, passaram a dialogar com suas comunidades através dos produtos midiáticos produzidos nesse projeto, no caso, a fotografia.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia, diálogo, educomunicação, juventude, produtos midiáticos

1- Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir a maneira pela qual jovens rurais participantes do projeto “Tocando o Futuro: Comunicação e Cultura Científica” estabeleceram diálogo com a própria comunidade, por meio de produtos midiáticos produzidos por eles mesmos. Esse projeto acontece em escolas de zonas rurais de três cidades do interior do estado mato-grossense. A cidade em que os fatos foram dissertados nesse artigo é Nossa Senhora do Livramento, que fica a 40 km de distância da capital, Cuiabá.

Dividido em duas partes, “Tocando o Futuro” está em sua fase final. Nela, os alunos foram responsáveis pela produção de uma série de materiais midiáticos, dentre eles um ensaio fotográfico. A temática foi decidida pelos próprios estudantes.

Ao observar os temas escolhidos pelos alunos, foi possível notar que retratavam fatos corriqueiros de suas vidas e comunidades. Desse modo, acredita-se que é estabelecido um diálogo entre eles enquanto produtores e aqueles que terão acesso aos seus produtos.

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Estudante de graduação do 4º semestre curso de Comunicação Social com habilitação em Radialismo pela Universidade Federal de Mato Grosso. email: elisacalvete@gmail.com

³ Estudante de graduação do 6º semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso. email: himura.yagami@gmail.com

⁴ Professor Doutor de Comunicação Social pela Universidade Federal de Mato Grosso e orientador desse trabalho. email: dielcio@ufmt.br

2-Projeto tocando o futuro: Comunicação e Cultura científica

2.1 O projeto

O projeto de extensão e pesquisa “Tocando o Futuro: Comunicação e Cultura Científica” é realizado pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e conta com a participação de professores, técnicos e estudantes de graduação em Comunicação Social pela UFMT. As atividades do projeto acontecem duas vezes por mês em escolas municipais de cidades ribeirinhas do interior do Estado de Mato Grosso. São elas: Barão de Melgaço, Nossa Senhora do Livramento e Santo Antônio do Leverger.

As prefeituras das cidades, conforme convênio assinado com a UFMT, disponibilizam alimentação e transporte, que recolhe nas comunidades rurais da região os alunos participantes do projeto. Os alunos, com idade entre 14 e 17 anos, cursam o Ensino Fundamental II ou Ensino Médio. O objetivo do projeto é orientar esses alunos a produzir seus próprios produtos midiáticos. Dentre esses produtos estão: vídeos, jornal, programa para rádio e fotografia.

2.2 "Tocando o Futuro" em Nossa Senhora do Livramento

Neste texto são discutidas apenas experiências do desenvolvimento do projeto em Nossa Senhora do Livramento. As origens deste município vêm da busca pelo ouro. Paulistas descobriram ouro no Ribeirão dos Cocais, em 1730. O local fica a três léguas de Cuiabá e a dois quilômetros de onde viria a surgir a primeira povoação, que daria origem à cidade. Inicialmente o nome era São José dos Cocais, mas uma lei de 1835 criou a paróquia de Nossa Senhora do Livramento e o distrito de Livramento, no município de Cuiabá. Em 1883, foi elevado à categoria de vila, emancipando-se. Tornou-se município em 1911 (IBGE, 2013).

Após várias divisões territoriais e alterações de nome, Nossa Senhora do Livramento agrega atualmente os distritos Faval, Pirizal e Ribeirão dos Cocais, e tem 5.076 km², o equivalente a cerca de 0,5% da área do total do Estado. O clima é quente, com as épocas de chuva e de seca bem marcadas e temperaturas que variam entre 40° no verão e até 0° no inverno. A fauna e flora são ricas e variadas devido aos dois biomas predominantes: cerrado e pantanal.

O município de Nossa Senhora do Livramento está localizado 32 quilômetros de Cuiabá, na Região Sul do Estado. Segundo o censo do IBGE de 2010, 11.609 pessoas moram em Livramento, o que resulta em uma densidade demográfica de 2,1 hab/km² (habitantes por quilômetro quadrado). Apesar de possuir um PIB per capita elevado – R\$ 8.694,31 –, o rendimento médio da população é menor que a metade de um salário mínimo – R\$ 303,33 na zona urbana, R\$ 255 para habitantes da zona rural. A população livramentense é jovem - a maior parcela tem idades entre cinco e 29 anos -, de maioria masculina - 6.270 ou 54% - e com predominância de moradores na área rural - 63,5% ou 7.367 habitantes (IBGE, 2010).

Há poucos estabelecimentos comerciais, o suficiente para atender às necessidades básicas da população. A principal atividade econômica é a pecuária de corte e o extrativismo vegetal, sobretudo da madeira e o pequi, um fruto nativo do cerrado. A extração mineral também já gerou lucros, com a extração de ouro, mas hoje é insipiente. Predomina a agricultura de subsistência.

Livramento possui 28 escolas, nas quais estudam 2.424 pessoas, sendo 689 matrículas de ensino médio e 1.735 no ensino fundamental. Atualmente, 164 professores cuidam da educação desses jovens, sendo 81 para o ensino fundamental e 83 para o ensino médio. Cerca de 70% da população é alfabetizada. Apesar disso, dados do IBGE apontam que 58% dos livramentenses não têm instrução ou ensino básico e 19% nunca frequentou creches ou escolas. Não há dados sobre escolas particulares e instituições de ensino superior no município (IBGE, 2013).

2.3 Metodologia

A metodologia do trabalho é a da pesquisa-ação. Esse método consiste em, ao mesmo tempo em que o pesquisador levanta os dados necessários à sua pesquisa, realiza uma intervenção na comunidade em que esses dados estão sendo levantados. Dessa maneira, esse é um tipo de pesquisa com caráter social, e que gera transformação tanto no pesquisador quanto naquela comunidade. Há, portanto, uma cooperação entre as partes.

[...] uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação. Além disso, é preciso que a ação seja uma ação não-trivial, o que quer dizer uma ação problemática merecendo investigação para ser elaborada e conduzida. (THIOLLENT, 2007, p. 17)

No caso do Projeto “Tocando o Futuro: Comunicação e Cultura Científica”, a ação por parte dos pesquisadores envolvidos é orientar e participar com os jovens da comunidade

da produção de conteúdos midiáticos. Desse modo, a primeira ação foi a produção de fotografias, vídeos e jornal. Com essas ações iniciais foi possível estabelecer um contato mais próximo com os alunos e planejar com eles as demais atividades.

Para isso, o projeto foi dividido em duas partes. A primeira teve caráter predominantemente lúdico quanto à produção. Todos os dias, antes das atividades serem iniciadas, os estudantes e monitores participavam de uma dinâmica “quebra-gelo”. Em seguida, os alunos eram divididos em dois ou três grupos e faziam rodízio entre as oficinas. Após alguns encontros, os alunos passaram a produzir material para a primeira mostra de vídeo realizada na escola. A temática para fotografia e vídeos era livre. Dois vídeos foram produzidos: Um narra uma história de assombração típica da região, contada de pai para filho e o outro uma versão diferente de Romeu e Julieta. Os alunos também escreveram a primeira edição do jornal “O Cerrado”, com matérias que falavam sobre as comunidades locais e a escola.

Todo o material produzido - em vídeo, áudio e impresso - foi apresentado à comunidade no final do primeiro semestre. A mostra aconteceu no dia 13 de julho de 2013. Além de exporem tudo o que haviam produzido, os alunos organizaram especialmente para o evento uma apresentação de Siriri⁵, realizada pelo grupo de dança da escola.

A segunda parte do projeto tem um caráter de maior planejamento na produção. Os alunos foram divididos em quatro grupos com monitores fixos. A divisão foi feita por comunidade. Desse modo, além de aprender um pouco mais sobre a pré- produção, produção e pós- produção de um material midiático, foi-lhes lançado um desafio. Cada grupo seria responsável por produzir cinco produtos midiáticos. São eles: Um vídeo de saberes populares, um vídeo com informações científicas, um programa de rádio, um ensaio fotográfico e matérias para a segunda edição do jornal “O Cerrado”. Essa etapa do projeto está em sua fase final.

Para documentar a nossa experiência e registrar os fatos ocorridos nas oficinas, uma das ferramentas utilizadas foi o uso do Diário de Campo. Sempre que uma viagem é realizada, os componentes da equipe redigem suas percepções. Mais tarde, essa parte empírica auxiliará na elaboração de relatórios e documentos acadêmicos acerca do projeto.

⁵ Dança folclórica da Região Centro-Oeste (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), muito comum em festas tradicionais e festejos religiosos.

As anotações de cunho analítico fazem parte do diário de campo. Acredita-se que essas definições complementares possibilitam a compreensão desse instrumento como ferramenta de coleta e, ao mesmo tempo, de análise, o que contribui para o processo de investigação, nos estudos qualitativos. (GERHARDT et al, p. 2).

Por isso, foi possível registrar, ao longo do tempo, o amadurecimento daqueles jovens quanto ao trabalho que estávamos desenvolvendo naquele local. Da mesma maneira, esse registro foi de grande auxílio na elaboração desse e de outros artigos cujo tema era o projeto.

Nossa intenção, além de registrar as experiências, é observar as mudanças que ocorreram com esses alunos durante o tempo de projeto e convivência com a equipe da UFMT. Bakhtin (2006) acredita que o homem está em constante diálogo com o que o cerca. Pelo simples fato de existir, ele dialoga com o mundo e o que nele existe. Isso causa mudanças. Acredita-se que o fato do projeto existir nessa escola, fez com que houvesse mudanças. Entende-se que esse diálogo iria além do que ensinar a produzir essas peças midiáticas, mas haveria uma nova maneira de dialogar com a sociedade por parte desses estudantes.

O educador libertador tem que estar atento para o fato de que a transformação não é só uma questão de métodos e técnicas. Se a educação libertadora fosse somente uma questão de métodos, então o problema seria algumas metodologias tradicionais por outras mais modernas, mas não é esse o problema. A questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade. (FREIRE, SHOR, 1996, p. 48)

Dessa maneira, acredita-se que a escolha de temas para a produção da segunda fase do projeto é uma maneira que esses estudantes encontraram para dialogar, primeiramente, entre eles, conosco, escola e comunidades das quais eles fazem parte.

3- Imagens: Uma maneira de se comunicar

3.1-História

Ao observar a história, podemos identificar em vários momentos a utilização da imagem para narrar acontecimentos e registrar a cultura de um povo. A invenção da escrita foi o marco divisor entre história e pré-história. O que sabemos daquela época é devido aos fósseis encontrados por arqueólogos e às pinturas rupestres. Com elas, os homens pré-históricos gravaram não só parte da sua história, mas deixaram registrada parte de sua cultura.

Mesmo após a invenção da escrita, o uso da imagem continuou como forma de registro por parte dessas culturas antigas. No Egito, as paredes das pirâmides, além dos hieróglifos, continham pinturas de faraós, deuses e fatos históricos daquela época. Na Grécia, além da escrita, era utilizada a pintura em vasos para eternizar os acontecimentos da época. (Proença, 2011). Apesar de a escrita estar presente e imortalizar histórias, culturas e pessoas, em alguns momentos, ela não era suficiente. A imagem sempre atuou nessas narrações: seja como auxiliar da escrita ou substituindo-a.

O uso dela não exclusivo da cultura ocidental. No Japão, por exemplo, durante o século XVII D.C surgiu o *emakimono*. Eram rolos de pinturas que, aliados aos *kanjis*⁶, narravam histórias. Eles foram os precursores dos *mangás*⁷ atuais. (GRAVETTI, 2006).

Grandes pinturas são parte do patrimônio histórico e mundial por causa da sua importância artística, histórica e cultural. As pinturas renascentistas nos contam parte da história daquele povo por meio de sua arte. Picasso conseguiu traduzir o terror da guerra ao produzir *Guernica*.

Com a chegada da fotografia, a documentação e registro histórico ganhou uma nova forma. Seja as famosas fotografias de Omayra Sanchez⁸, *A fome no Sudão*⁹ ou *O beijo da Times Square*¹⁰, o registro fotográfico foi responsável não apenas por eternizar, mas por transmitir uma informação das lentes de um sujeito a vários lugares do mundo.

3.2- Lentes e Comunicação

Mikhail Bakhtin (1992) afirma que um indivíduo pode ignorar os diversos gêneros existentes, entretanto é capaz de interpretá-los e utilizá-los. Dessa maneira, um leitor é capaz de compreender esse grande número de gêneros já existentes. Um acontecimento pode ser narrado de diversas maneiras, seja por meio de um texto verbal e seus diversos gêneros, seja por um texto não verbal.

Já foi discutido o fato de que a imagem tem autonomia para narrar determinado acontecimento histórico ou cotidiano de uma cultura. Usando esse pensamento, a fotografia

⁶ Caracteres da escrita em língua japonesa.

⁷ Histórias em quadrinhos orientais.

⁸ Fotografia de Frank Fournier. Ele captou os últimos momento de vida de Omayara Sanchez, que ficou presa em entulhos causados por um deslizamento decorrente pela erupção do vulcão Nevado del Ruiz, na Colômbia, em 1985.

⁹ Fotografia de Kevin Carter. Publicada no "New York Times" é famosa por ter registrado um urubu olhando para uma criança desnutrida.

¹⁰ Fotografia de Alfred Eisenstaedt. Registro de um beijo entre um marinheiro e uma enfermeira no momento em que foi anunciado o fim da guerra contra o Japão, em 1945

é um dos meios o qual tem sido utilizado para narrar fatos marcantes do mundo e de pessoas.

O surgimento da fotografia possibilitou às pessoas transformar o mundo real em representação, em uma nova e mais complexa relação com a realidade e consigo mesmas. Caetano (2007, p. 5) explica que a representação é o primeiro ponto de contato entre a fotografia e a identidade:

As identidades são produzidas e reguladas na cultura, criando significados através dos sistemas simbólicos de representação, que permitem uma aproximação ao *self* dos indivíduos. [...] A fotografia apresenta-se, assim, como um desses sistemas simbólicos de representação que participa na atribuição de significado a pessoas, acontecimentos e objectos, contribuindo dessa forma para o estabelecimento da imagem que os indivíduos criam de si mesmos e da realidade em que estão inseridos.

Por fim, faz-se necessário lembrar que o acúmulo de registros de experiências para futura contemplação possibilita aos indivíduos a criação de um conhecimento sobre si próprio, bem como uma análise de sua trajetória e de suas características e momentos mais marcantes (CAETANO, 2007).

3.3- Fotografia etnográfica

Segundo Boni e Moreschi (2007), a fotoetnografia é um estudo etnográfico em que a principal ferramenta é a fotografia. Trata-se, pois, de um levantamento e análise das características antropológicas, sociais e culturais de um determinado grupo por meio do registro fotográfico. Se considerarmos o valor das imagens como fonte documental, a fotoetnografia permite manter uma memória, analisar e comparar dados relacionados aos grupos étnicos registrados, haja vista que a cultura e os costumes étnicos são elementos dinâmicos, em constante mutação.

4- Projeto de Fotografia em Nossa Senhora do Livramento

4.1- Proposta

O produto midiático escolhido para a análise nesse artigo foi o ensaio fotográfico. As quatro comunidades escolheram temas diferentes para o ensaio. São eles: Aves, Pescaria, Trabalhadores Rurais e Boiadeiros. Todos os temas estão relacionados ao cotidiano desses alunos: As aves sugeridas foram aves típicas da fauna pantaneira. A pesca

é uma das formas de trabalho dessas comunidades. E uma parte dos pais desses alunos, e já alguns deles, trabalham na zona rural, seja nas plantações, especialmente de pequi, seja como boiadeiros em alguma fazenda da região.

4.2- A ótica dos alunos

Lima (1988) acredita que a fotografia além de uma forma de linguagem é também uma forma de expressão visual. Souza (2012) defende que o fotojornalismo aproxima quem observa do fato observado, o que lhe dá a impressão de estar próximo ao fato registrado. Pensando nisso, entende-se que, ao escolher os temas para o ensaio fotográfico, os alunos de Livramento encontraram uma maneira de mostrar um pouco de sua cultura e saberes populares a quem fosse o interlocutor de um produto midiático produzido por eles: A fotografia.

Com o documentalismo estabelece-se uma das grandes motivações da fotografia no século XX: o desejo de conhecer o outro, de saber como o outro vive, o que o pensa, como vê o mundo, com o que se importa. As palavras eram insuficientes (SOUSA, p. 40).

Ao ter a câmera fotográfica em mãos, os alunos contam com um novo instrumento para ajudá-los a narrar um pouco daquilo que os cercam todos os dias. Da mesma maneira que Sousa acredita que a fotografia instiga o desejo de quem a vê a conhecer aqueles personagens que estão ali, acredita-se que a pessoa responsável por aquele registro deseja partilhar aquela história com os seus interlocutores.

No entanto, entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais que os olhos podem ver. A fotografia - para além da sua gênese automática, ultrapassando a ideia de *analogon* da realidade - é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica. (MAUAD, 1996, p. 3).

Esses alunos aprenderam técnicas de enquadramento, composição e iluminação durante a primeira fase do projeto. Agora, eles as usam para mostrar, sob sua ótica, os momentos vividos por eles. Uma parte da sua história e de seu dia-a-dia. É o olhar do homem ribeirinho sobre ele mesmo.

Mesmo considerando que a fotografia é um processo triplamente ressignificado – pelo sujeito fotografo, pelo fotógrafo e pelo observador –, há que se buscar um ponto

comum entre estas três interpretações. Como aponta Souza (2012), ao fotografar uma cultura diferente da sua, o fotógrafo sempre busca retratá-la de forma a acentuar as diferenças entre sua cultura nativa e aquela fotografada. Assim, as representações culturais retratadas podem assumir um significado completamente diferente daquele original. Ao ensiná-los as técnicas fotográficas e disponibilizar os equipamentos para que eles façam suas próprias fotografias, damos os elementos para que eles mesmos definam os elementos e acontecimentos que consideram mais importantes em sua cultura.

A câmera brinda uma possibilidade de empoderamento que poucas situações investigativas podem oferecer, mais ainda se podem se expressar de maneira narrativa as problemáticas, os desejos e os anseios que quase sempre servem como geradores das imagens e que, simultaneamente, acompanham semanticamente a fotografia (HERNÁNDEZ, 2009, p. 5, tradução nossa).

Dessa maneira, esses novos produtores de material midiático estabelecem um diálogo não apenas com as pessoas de sua comunidade, mas com pessoas fora dela: desde os componentes da equipe enviada pela UFMT até as pessoas de fora que terão a oportunidade de admirar esses trabalhos.

5- Conclusão

O projeto “Tocando o Futuro: Comunicação e Cultura Científica” está em sua reta final. Em breve, acontecerá o segundo evento que exibirá aos pais, comunidades e escolas os materiais midiáticos que tiveram sua produção em andamento na segunda fase do projeto. Além das técnicas aprendidas durante o projeto, os alunos terão a oportunidade de dialogar com esse público usando como meio os produtos elaborados.

É correto afirmar que essa experiência gerou transformações positivas em ambos os lados: alunos da escola e membros da equipe da universidade. De acordo com Vygotsky (2005), a interação é um instrumento importante no processo de construção de um ser humano, pois essa mesma construção só é possível com a convivência com outros sujeitos.

Enquanto equipe, tivemos a oportunidade de conviver com uma cultura diferente da nossa habitual de uma capital. Além disso, foi possível colocar em prática o ensino da técnica que é estudada, diariamente, no ambiente acadêmico da Comunicação Social. Por parte dos alunos, é correto afirmar que ao entrar em contato conosco, tiveram a oportunidade não só de aprender os processos de produção, produção e pós produção de um

produto, mas de transmitir, por meio desse mesmo produto, uma parte de seus saberes populares e sua cultura.

Essa produção estabelece diálogo entre eles, produtores, e aqueles pais, familiares, professores e membros da academia (interlocutores). Entretanto, isso não ficará restrito apenas aqueles presentes na mostra desse material. Esses alunos estabeleceram um diálogo com qualquer pessoa que tenha acesso a esses produtos.

A fotografia, por tratar de imagens, é uma das mídias mais acessíveis à compreensão. Entretanto, sua técnica e produção não apresentam a mesma facilidade que sua compreensão. Esses alunos utilizaram sua ótica fotográfica para apresentar a sua própria visão do seu mundo e cultura. O registro do homem do pantanal foi registrado por ele mesmo.

Após a II Mostra, o esperado é que esses alunos passem o conhecimento adquirido durante o projeto a outros alunos. Também, há perspectiva de que esses estudantes continuem produzindo material midiático.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BONI, Paulo César; MORESCHI, Bruna Maria. **Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico**. In: Doc Online, n 03. Dezembro 2007. Disponível em <http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_paulo_cesar_boni.pdf>. Acesso em 17 de março de 2014.

CAETANO, Ana. **A fotografia privada nos processos de (re)construção identitária**. Lisboa : CIES-ISCTE, 2007. (CIES e-Working Paper, 25).

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 5. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GERHARDT, Tatiana Engel et al. **Utilização do Diário de Campo**. Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/598/141>. Acesso em 08 mar de 2014.

GRAVETTI, Paul. **Mangá: Como o Japão Reinventou os Quadrinhos**. São Paulo: Conrad, 2006.

HERNÁNDEZ, Jesús René Luna. **Foto-etnografía llevada a cabo por personas en situación de pobreza en la frontera norte de México**. In: Forum: Qualitative Social Research, v. 10, n.2, art. 35, 2009.

LIMA, Ivan. **A fotografia é a sua linguagem**. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1988.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem:** fotografia e história interface. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf> . Acesso em 28 mar de 2014.

PROENÇA, Graça. **História da arte.** 17 edição. São Paulo: Ática, 2011.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental.** São Paulo: Argos, 1998.

SOUZA, Daniel Rodrigo Meirinho de. **A fotografia enquanto representação do real:** a identidade visual criada pelos povos do médio-orientes publicadas na *National Geographic*. 2012. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/souza-daniel-a-fotografia-enquanto-representacao-do-real.pdf>> Acesso em 25 mar. de 2014.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação.** 15. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010.** Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/> (Acesso em: 09/07/2013)

_____. **Cidades@.** 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/> (Acesso em: 09/07/2013)

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.